

DISPARA, EU JÁ ESTOU MORTO

JULIA NAVARRO

DISPARA,
EU JÁ ESTOU MORTO

Tradução de
RITA CUSTÓDIO E ÀLEX TARRADELLAS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

*Para Álex,
que todos os días me ofrece a sua alegría.*

E para Fermín, sempre.

AGRADECIMENTOS

A todos os amigos que me acompanharam ao longo da minha vida. Nesta ocasião, especialmente a Jesús, cuja amizade é firme como uma rocha. Sempre positivo, bom e leal.

Obrigada a todos os que a partir da Random House Mondadori tornam possível que este romance chegue às suas mãos, e a Virginia Fernández, pela sua paciência.

JERUSALÉM, ÉPOCA ATUAL

«Há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo.» Aquela frase de Mohamed Ziad atormentava-a desde o momento em que a tinha ouvido dos lábios do seu filho Wadi Ziad. Não conseguia deixar de pensar naquelas palavras enquanto conduzia sob um sol implacável que dourava as pedras do caminho. A mesma cor dourada das casas que se amontoavam na nova cidade de Jerusalém, construídas com essas pedras enganosamente suaves, mas duras como as rochas das pedreiras de onde tinham sido arrancadas.

Conduzia devagar deixando que o seu olhar vagueasse pelo horizonte onde as montanhas da Judeia lhe pareciam próximas.

Sim, ia devagar embora tivesse pressa; no entanto, precisava de saborear aqueles instantes de silêncio para evitar que as emoções a dominassem.

Duas horas antes não sabia que ia dar início ao caminho que a levaria para o seu destino. Não é que não estivesse preparada. Estava. Mas ela, que gostava de planear até ao último detalhe da sua vida, tinha ficado surpreendida com a facilidade com que Joël tinha conseguido o encontro. Bastara uma dúzia de palavras.

— Já está, vai receber-te ao meio-dia.

— Tão cedo?

— São dez horas, tens tempo suficiente, não é muito longe. Eu indico-te no mapa, não é complicado chegar lá.

— Conheces bem o sítio?

— Sim, e também os conheço a eles. A última vez que lá estive foi há três semanas com o pessoal da Ação pela Paz.

— Não sei como é que confiam em ti.

— E porque é que não haviam de confiar? Sou francês, tenho bons contactos, e as almas inocentes das ONG precisam de quem as oriente nas confusões burocráticas de Israel, alguém que lhes trate das autorizações para atravessar para Gaza e para a Cisjordânia, que consiga uma entrevista com algum ministro perante o qual protestar pelas condições em que os palestinianos vivem; proporciono-lhes camiões a bom preço para transferirem a ajuda humanitária de um lugar para outro... A minha organização faz um bom trabalho. Tu podes confirmá-lo.

— Sim, vives dos bons sentimentos do resto do mundo.

— Vivo de prestar um serviço a quem vive da má consciência dos outros. Não te queixes, nem sequer há um mês que entraram em contacto connosco, e durante esse tempo consegui-te encontros com dois ministros, com parlamentares de todos os grupos, com o secretário da Histadrut, acesso facilitado para entrar nos Territórios, conseguiste entrevistar muitos palestinianos... Estás há quatro dias aqui e já cumpriste metade do programa que tinhas previsto.

Joël olhou para a mulher, aborrecido. Não gostava dela. Desde que a fora buscar ao aeroporto há quatro dias, tinha reparado na sua tensão, no seu desconforto. Ficava incomodado com a distância que ela colocava entre eles ao insistir que lhe chamasse senhora Miller.

Ela fitou-o. Tinha razão. Tinha cumprido. Outras ONG utilizavam os seus serviços. Não havia nada que Joël não conseguisse desde esse escritório com vista para a Cidade Velha de Jerusalém ao longe. Com ele trabalhavam a sua mulher, que era israelita, e mais quatro jovens. Dirigia uma empresa de serviços muito apreciada pelas ONG.

— Vou dizer-te uma coisa sobre esse homem: é uma lenda — disse Joël.

— Teria preferido falar com o filho dele, foi isso que te pedi.

— Mas ele foi para os Estados Unidos a convite da Universidade de Columbia para participar num seminário e, quando regressar, tu já não estarás aqui. Não tens o filho, mas tens o pai; acredita em mim

quando te digo que ficas a ganhar com a mudança. É um velho formidável. Tem uma história...

— Conhece-lo assim tão bem?

— Às vezes os tipos do ministério enviam-lhe pessoas como tu. É uma «pomba», o contrário do filho.

— É precisamente por isso que me interessa falar com o Aaron Zucker, porque é um dos principais líderes da política de assentamentos.

— Sim, mas o pai é mais interessante — insistiu Joël.

Ficaram em silêncio para evitar uma dessas absurdas discussões em que se engalfinhavam. Não se tinham dado bem. Ele achava-a exigente; ela só via o seu cinismo.

E agora já estava a caminho. Cada vez se sentia mais tensa. Tinha acendido um cigarro e aspirava o fumo com prazer enquanto fixava o olhar naquela terra ondulada onde dos dois lados da estrada pareciam trepar alguns edifícios modernos e funcionais. Não havia cabras, pensou deixando-se levar pela imagem bíblica, mas porque é que haveria de haver? Não restava sítio para as cabras junto àqueles enormes blocos de aço e vidro que eram a insígnia da prosperidade do moderno Israel.

Uns minutos mais tarde, saiu da via rápida e dirigiu-se a uma estrada que conduzia a um grupo de casas situadas sobre uma colina. Estacionou o carro em frente a um edifício de pedra de três andares, idêntico a outros que se erguiam sobre um terreno rochoso; dali, nos dias claros, conseguia-se ver as muralhas da Cidade Velha.

Apagou o cigarro no cinzeiro do carro e respirou fundo.

Aquele lugar parecia uma urbanização burguesa, como tantas outras. Casas de vários andares, rodeadas de jardins ocupados por baioços e escorregas para as crianças e carros alinhados junto a passeios ímpolutos. Respirava-se tranquilidade, segurança. Não lhe custava imaginar como eram as famílias que agora viviam dentro daquelas casas, embora soubesse como tinha sido esse lugar há décadas. Tinham-lho contado alguns velhos palestinos, com o olhar perdido nas lembranças daqueles dias nos quais eram eles que viviam nesse pedaço de terra, porque ainda não tinham chegado os outros, os judeus.

Subiu as escadas. Mal tocou à campainha, a porta abriu-se. Uma mulher jovem, que nem sequer teria trinta anos, recebeu-a sorridente. Vestia-se informalmente, com calças de ganga, uma *t-shirt* larga e ténis. O seu aspeto era igual ao de tantas outras jovens, mas ter-se-ia destacado entre milhares pelo seu franco sorriso e o seu olhar carregado de bondade.

— Entre, estávamos à sua espera. É a senhora Miller, não é?

— Sim.

— Eu sou a Hanna, a filha do Aaron Zucker. Lamento que o meu pai esteja a viajar, mas, como insistiram tanto do ministério, o meu avô vai recebê-la.

Da minúscula entrada passaram para uma sala espaçosa e luminosa.

— Sente-se, vou avisar o meu avô.

— Não é preciso, estou aqui. Sou o Ezequiel Zucker — disse uma voz procedente do interior da casa. Um momento depois apareceu um homem.

A senhora Miller cravou o olhar nele. Era alto, tinha o cabelo grisalho e os olhos de cor cinzenta; apesar da idade, parecia ágil.

Apertou-lhe a mão com força e convidou-a a sentar-se.

— Então a senhora queria ver o meu filho...

— Na verdade queria conhecê-los aos dois, embora sobretudo ao seu filho, já que é um dos principais impulsionadores da política de assentamentos...

— Sim, e é tão convincente que o ministério lhe envia os visitantes mais críticos para ele lhes explicar a política de assentamentos. Bem, estou à sua disposição, senhora Miller.

— Avô — interrompeu Hanna —, se não te importas, vou andando. Tenho uma reunião na universidade. O Jonas também está prestes a sair.

— Não te preocupes, eu desenrasco-me sozinho.

— De quanto tempo precisa? — perguntou Hanna à senhora Miller.

— Tentarei não o cansar... Uma hora, talvez um pouco mais... — respondeu a mulher.

— Não há pressa — disse o ancião —, na minha idade o tempo não conta.

Ficaram sozinhos e ele reparou na sua tensão. Ofereceu-lhe chá, mas ela recusou.

— Então, a senhora trabalha para uma dessas ONG que recebem subsídios da União Europeia.

— Trabalho para a Refugiados, uma organização que estuda no terreno os problemas que as populações deslocadas sofrem devido a conflitos bélicos, catástrofes naturais... Tentamos avaliar o estado dos deslocados, e se as causas que provocaram o conflito estão em vias de solução, ou quanto pode durar a sua situação, e se julgarmos conveniente instamos os organismos internacionais a adotarem medidas para atenuar o sofrimento dos deslocados. Os nossos estudos são rigorosos e por isso recebemos ajuda de instituições comunitárias.

— Sim, conheço os relatórios da Refugiados sobre Israel. Sempre críticos.

— Não se trata de opiniões, mas sim de realidades, e a realidade é que, desde 1948, milhares de palestinianos tiveram de abandonar os seus lares, viram-se despojados das suas casas, das suas terras. O nosso trabalho é avaliar a política de assentamentos que aumenta o número de deslocados. Aqui onde nos encontramos, nesta colina, houve uma aldeia palestiniana da qual não resta nada. Sabe que destino tiveram os habitantes dessa aldeia? Onde estão agora? Como sobrevivem? Poderão algum dia recuperar o lugar onde nasceram? O que é que o senhor sabe sobre o seu sofrimento?

Arrependeu-se imediatamente das suas últimas palavras. Aquele não era o caminho. Não podia mostrar tão abertamente os seus sentimentos. Tinha de tentar manter uma atitude mais neutra. Nada de comaprazimento, mas de aversão também não.

Mordeu o lábio inferior enquanto esperava pela resposta do homem.

— Como se chama? — perguntou ele.

— Desculpe?

— Pergunto-lhe o seu nome. É muito impessoal tratá-la por senhora Miller. A senhora pode tratar-me por Ezequiel.

— Bem, não sei se é o mais correto... Tentamos não confraternizar quando estamos a trabalhar.

— A minha intenção não é confraternizar consigo, mas sim que nos tratemos pelos nossos respetivos nomes. Quer dizer... não estamos no Palácio de Buckingham! A senhora está na minha casa, é minha convidada e peço-lhe que me chame Ezequiel.

Aquele homem desconcertava-a. Não lhe queria dizer o seu nome, claro que não pensava tratá-lo pelo dele, mas se ele decidia dar por encerrada a conversa, então... então teria desperdiçado a melhor oportunidade que alguma vez ia ter para levar a cabo aquilo que tanto a atormentava.

— Marian.

— Marian? Não me diga...

— É um nome comum.

— Não se desculpe por se chamar Marian.

Sentiu raiva. Ele tinha razão, estava a desculpar-se pelo seu nome, e não tinha motivos para isso.

— Se lhe parece bem, dar-lhe-ei o questionário que trago preparado e que servirá de base para o relatório que devo redigir.

— Imagino que vai falar com mais pessoas...

— Sim, tenho uma longa lista de entrevistas: funcionários, deputados, diplomatas, membros de outras ONG, organizações religiosas, jornalistas...

— E palestinianos. Imagino que vai falar com eles.

— Claro, já o fiz. Eles são o motivo do meu trabalho. Antes de vir para Israel estive na Jordânia e tive oportunidade de falar com muitos palestinianos que tiveram de fugir depois de cada conflito.

— A senhora perguntava-me pelo sofrimento dos deslocados... Bem, eu poderia falar-lhe durante horas, dias, semanas inteiras sobre o sofrimento.

Era difícil acreditar que aquele homem alto e forte, que, apesar da sua idade, emanava confiança em si próprio com aquele olhar cinzento de aço, que mostrava que tinha uma grande paz interior, soubesse verdadeiramente o que era o sofrimento alheio. Não lhe ia negar que tivesse sofrido, mas isso não implicava que fosse capaz de sentir a dor dos outros.

— Como é que sabe que aqui houve uma aldeia árabe? — perguntou de repente captando o desconcerto dela.

— Na minha organização temos informação pormenorizada sobre todas as vilas e aldeias da Palestina, até das que já não existem desde a ocupação.

— Ocupação?

— Sim, desde que chegaram os primeiros emigrantes judeus até à proclamação do Estado de Israel, além de tudo o que aconteceu posteriormente.

— O que é que quer saber?

— Quero que me fale da política de ocupação dos assentamentos ilegais, das condições de vida dos palestinianos que veem as suas casas demolidas por ações de vingança... da razão por que continuam a levantar assentamentos em lugares que não vos pertencem... Pretendia falar sobre tudo isto com o seu filho. Sei que o Aaron Zucker é um dos mais firmes defensores da política de assentamentos. Os seus artigos e conferências tornaram-no famoso.

— O meu filho é um homem honrado, um militar corajoso que serviu no exército, e sempre se destacou por dizer em voz alta o que pensa, sem se preocupar com as consequências. É mais simples lamentar-se pela política de assentamentos, até não dizer nada, do que apoiá-la intimamente. Na minha família preferimos dar a cara.

— É por isso que estou aqui, é por isso que o Ministério dos Negócios Estrangeiros me mandou falar com o seu filho. É um dos líderes sociais de Israel.

— A senhora acha que quem defende os assentamentos é quase um monstro...

Marian encolheu os ombros. Não lhe ia dizer que, efetivamente, era o que pensava. A entrevista não estava a correr como tinha previsto.

— Dir-lhe-ei o que penso: não sou partidário de que se construam novos assentamentos. Defendo o direito dos palestinianos a terem o seu próprio Estado.

— Pois, mas o seu filho Aaron pensa justamente o contrário.

— Mas é comigo que está a falar. E não olhe para mim como se eu fosse um velhinho, não sou nenhum ingénuo.

A porta da sala abriu-se e apareceu um jovem alto, vestido de soldado, com uma pistola-metralhadora pendurada ao ombro. Marian assustou-se.

— É o meu neto Jonas.

— Com que então a senhora é a da ONG... Desculpe, mas não consegui deixar de ouvir as suas últimas palavras. Gostaria de lhe dar também a minha opinião, se o meu avô me permitir.

— O Jonas é filho do Aaron — explicou Ezequiel Zucker a Marian.

— A política de assentamentos não se deve a um capricho, trata-se da nossa segurança. Olhe para o mapa de Israel, repare nas nossas fronteiras... Os assentamentos fazem parte da frente em que nos vemos obrigados a lutar — afirmou Jonas com tal convicção que Marian ficou incomodada e sentiu uma aversão instintiva face àquele jovem.

— Lutam contra mulheres e crianças? Que glória há em demolir as casas onde vivem de forma precária as famílias palestinianas? — perguntou Marian.

— Por acaso devemos deixar-nos matar? As pedras ferem. E nessas aldeias onde parece que vivem pacíficas famílias também há terroristas.

— Terroristas? O senhor chama terrorista a quem defende o seu direito a viver na aldeia onde nasceu? Além disso, a política de assentamentos só procura ficar com um território que não vos pertence. As resoluções das Nações Unidas sobre as fronteiras de Israel são suficientemente claras. Mas o seu país tem uma política de factos consumados. Constroem um assentamento nas zonas onde os palestinianos vivem, encurralam-nos, fazem-lhes a vida impossível até conseguirem que se vão embora.

— A senhora é uma mulher apaixonada, não sei porque é que se incomoda em vir aqui para redigir um relatório. É evidente que tem as ideias bem arrumadas, nada do que o meu avô ou o meu pai lhe possam dizer mudaria a sua forma de pensar. Estou enganado?

— Tenho a obrigação de ouvir todas as partes.

— Tenta cumprir uma formalidade, nada mais.

— Jonas, já chega, deixemos a senhora Miller fazer o seu trabalho. — A voz de Ezequiel Zucker não dava lugar a uma nova resposta do seu neto.

— Está bem, já estava de saída. — E o jovem saiu sem se despedir.

Marian leu nos olhos cinzentos de Ezequiel Zucker que ia dar por terminada aquela conversa com a qual ela não tinha sabido lidar, mas não se podia ir embora. Ainda não.

— Acho que vou aceitar o chá que me ofereceu.

Agora era ele quem parecia desconcertado. Não tinha vontade de continuar a conversar com aquela mulher, mas também não se queria mostrar grosseiro.

Quando regressou com o chá encontrou-a a olhar pela janela. Não era uma mulher bonita, mas sim atraente. De estatura média, magra, com o cabelo preto apanhado. Calculou que já há algum tempo deveria ter feito quarenta anos, que estava mais perto dos cinquenta. Sentia-a desassossegada e esse desassossego pareceu-lhe contagiante.

— Naquela direção, está Jerusalém — disse ele enquanto colocava a bandeja com o chá numa mesinha baixa.

— Eu sei — respondeu Marian.

Esforçava-se por mostrar um sorriso, mas ele já não parecia disposto a conversar.

— Antes disse que podia falar semanas inteiras sobre sofrimento...

— Sim, podia — respondeu ele de forma brusca.

— De onde é, Ezequiel? Qual é o seu país de origem?

— Sou israelita. Esta é a minha pátria.

— Imagino que para um judeu o mais importante seja sentir que tem uma pátria — disse ela ignorando o tom distante do homem.

— A nossa pátria, sim. Não foi oferecida. Tínhamos direito a ela. E não vim de lado nenhum. Nasci aqui.

— Na Palestina?

— Sim, em Israel. Surpreende-a?

— Não...

— Na verdade, os meus pais eram russos e os meus antepassados polacos. Há muitos russos de origem polaca; já sabe que a Polónia sempre esteve na mira dos russos e, de cada vez que estes ficavam com

um pedaço de terra polaca, os judeus polacos passavam a ser russos. A vida dos judeus não era fácil na Rússia, de facto não o era em nenhum lugar da Europa, embora a Revolução Francesa tenha dado uma reviravolta à nossa situação. As tropas de Napoleão exportavam a ideia da liberdade onde quer que fossem, mas essas ideias chocaram com a Rússia dos czares. Se na Europa Ocidental as nossas condições de vida mudaram, e muitos judeus se tornaram homens proeminentes e políticos importantes, na Rússia isso não aconteceu.

— Porquê?

— O czar e os seus governos eram profundamente reacionários e temerosos de tudo o que julgavam diferente. De tal forma que faziam os judeus viver nas chamadas «zonas de residência», situadas nas cidades do sul da Rússia, Polónia, Lituânia, Ucrânia, que então faziam parte do Império Russo. A lealdade dos judeus, quando Napoleão invadiu o país, nem sequer teve influência no espírito da corte russa. Catarina não nos queria, na verdade era difícil encontrar um czar ou uma czarina que nos quisesse como súbditos.

— Refere-se a Catarina, a *Grande*.

— Sim, claro, fez o que estava ao seu alcance para nos expulsar.

— Mas não conseguiu...

— Não, não consegui; tive de se resignar a aprovar medidas que limitavam as atividades dos judeus. Não eram muitos os judeus que viviam dignamente naquele tempo: alguns comerciantes, alguns prestamistas, alguns médicos... Sim, alguns conseguiram autorizações especiais e foi-lhes permitido viver quase como cidadãos normais. Já ouviu falar dos pogroms?

— Naturalmente, sei o que foram os pogroms.

— Em 1881, houve um atentado contra o czar Alexandre II e entre os participantes do complô havia uma mulher judia, Gesia Gelfman. Na verdade, a sua participação não foi relevante, mas serviu de desculpa para se desencadear uma selvajaria contra os judeus de todo o império. Aquele pogrom começou em Yelisavetgrad, e estendeu-se a Minsk, Odessa, Balti... Milhares de judeus foram assassinados. Um ano depois, muitos dos que sobreviveram tiveram de abandonar tudo o que tinham porque o novo czar, Alexandre III, assinou uma ordem de expulsão.

- A sua família sofreu aqueles pogroms?
- Está interessada em saber?
- Sim — murmurou ela. Precisava que o homem relaxasse. Ela também precisava disso.
- Se tiver tempo para ouvir a história...
- Pode ser uma forma de entender melhor as coisas.

SÃO PETERSBURGO — PARIS

«O meu avô paterno era comerciante de peles, tal como o seu pai, Simão. Viajavam pela Europa a vender peles russas aos peleiros, que com elas cosiam sofisticados casacos para as suas clientes ricas. As suas melhores clientes encontravam-se em França. Em Paris, Simão tinha um amigo peleiro, Monsieur Elias. Quando Simão morreu, o meu avô Isaac continuou com o negócio e ampliou-o. O meu avô Isaac costumava trocar parte da sua mercadoria por esses casacos já confeccionados que depois vendia na corte de São Petersburgo. As aristocratas russas gostavam de tudo o que chegava de Paris.

A minha avó Ester era francesa, filha de Monsieur Elias, que não conseguiu evitar que o jovem Isaac levasse a sua menina, por mais que se opusesse. Monsieur Elias tinha ficado viúvo e Ester era a sua única filha. Isaac e Ester casaram em Paris e dali viajaram até uma aldeia próxima de Varsóvia, para a casa onde Isaac vivia com a sua mãe viúva, Sofia. Tiveram três filhos, Samuel, Anna e Friede, o mais novo. Tinham todos um ano de diferença entre eles. Monsieur Elias lamentava-se sempre por ter a sua filha e os seus netos longe e, quando Samuel, o meu pai, fez dez anos, o meu avô Isaac decidiu levá-lo com ele para França para conhecer o seu avô. Samuel tinha problemas de saúde e a sua mãe separou-se dele muito apreensiva. Sabia que para Monsieur Elias seria uma dádiva conhecer o seu neto mais velho, mas perguntava-se se Samuel seria capaz de aguentar os inconvenientes de uma viagem tão longa.

— Não te preocupes, o nosso Samuel já é quase um homem — consolou-a a sua sogra, Sofia —, e o Isaac vai saber cuidar dele.

— Tenta sobretudo que não arrefeça e, se tiver febre, fiquem numa pousada e dá-lhe este xarope. Vai aliviá-lo — insistiu Ester.

— Vou saber cuidar do nosso filho; cuida tu dos outros, não os percas de vista, sobretudo o Friede, o menino é demasiado inquieto. Parto em paz sabendo que não estão sozinhos, que contas com o apoio da minha mãe.

Para Isaac tinha sido um alívio que Ester se desse bem com a sua mãe. Sofia tinha uma personalidade forte, mas rendera-se à bondade de Ester. Nora e sogra pareciam mãe e filha.

Após várias semanas de viagem, Isaac e Samuel chegaram a Paris; ali souberam as notícias dos distúrbios que estavam a acontecer por toda a Rússia.

— Assassinararam o czar. Ouvi dizer que há judeus implicados na conspiração — anunciou Monsieur Elias.

— Não pode ser! O czar melhorou as condições de vida da nossa comunidade. O que é que nós, judeus, ganharíamos com o seu desaparecimento? — respondeu Isaac.

— Parece que alguns estão a fazer justiça com as suas próprias mãos e atacam algumas aldeias judias das zonas de residência... — acrescentou Monsieur Elias.

— É a desculpa de que precisavam todos os que se opunham à política do czar para com os judeus! Espero que imperem a razão e a verdade.

— É terrível que na Rússia não permitam aos judeus saírem das zonas de residência — lamentou-se Monsieur Elias. — Pelo menos em França podemos viver nas cidades, e aqui mesmo, no coração de Paris.

— Devemos a maldita ideia das zonas de residência à czarina Catarina. Os conselheiros da Grande Catarina quiseram cortar as asas aos nossos artesãos e mercadores. Mas agora são muitos os judeus que vivem mesmo em São Petersburgo. São necessárias autorizações especiais, mas podem conseguir-se — explicou Isaac.

— Sim, mas não para todos — respondeu Monsieur Elias. — Ainda bem que a vossa casa não está longe de Varsóvia. Temeria por vocês se vivessem em Moscovo ou em São Petersburgo.

Não podiam esconder a preocupação que os invadia. As notícias que chegavam da Rússia eram tão confusas que nos faziam temer pelo destino da família.

— O Samuel e eu vamos regressar imediatamente. Não me acalmarei até ver a minha esposa e os meus filhos. Sei que a minha mãe cuida deles, mas não posso deixá-los sozinhos mais tempo.

— Eu também não ficarei descansado até saber que chegaste e receber notícias tuas a comunicar-me que estão todos bem. Deves partir assim que possível.

Dois dias depois receberam a visita de um velho amigo de Monsieur Elias, um homem bem relacionado na corte.

— Não podem regressar. Estão a matar centenas de judeus. Os distúrbios começaram em Yelisavetgrad, mas espalharam-se por toda a Rússia — explicou o visitante.

Monsieur Elias ficava magoado com a situação.

— Talvez seja perigoso regressarem... — disse sem muita convicção, porque no fundo do seu coração desejava saber o mais depressa possível que a sua querida filha Ester e os seus netos não corriam qualquer perigo.

— Não podemos ficar aqui, tenho de regressar. A minha mulher e os meus filhos podem precisar de mim — respondeu Isaac sem vacilar.

— Talvez devesse deixar o Samuel comigo. Não para de tossir e há dias em que a febre o deixa prostrado na cama.

— Eu sei, mas não posso deixá-lo aqui. A Ester nunca mo perdoaria. Ama todos os nossos filhos da mesma forma, mas com o Samuel sofreu muito devido à sua saúde fraca. Se não regressarmos juntos vai pensar que lhe aconteceu alguma coisa.

— Conheço a minha filha, sei que iria preferir que o Samuel ficasse aqui a salvo.

Monsieur Elias não conseguiu convencer o meu avô Isaac, que, assim que pôde, partiu. Viajou com o Samuel numa diligência, puxada por bons cavalos, com outros dois comerciantes que tinham como destino Varsóvia e que, alarmados como eles, regressavam às suas casas.

— Pai, a mãe está bem? E o Friede e a Anna? Não lhes aconteceu nada, pois não? — Samuel não deixava de pedir ao seu pai notícias da sua mãe e dos seus irmãos.

A viagem pareceu-lhes eterna. Mal conseguiam dormir à noite naquelas pousadas, onde, por serem judeus, nem sempre eram bem recebidos. Em várias ocasiões tiveram até de dormir ao relento, porque não lhes quiseram dar alojamento.

— Em que é que somos diferentes? — perguntou Samuel ao seu pai uma noite enquanto descansavam juntos numa estreita cama de um mísero hotel na Alemanha.

— Achas que somos diferentes? — respondeu o bondoso Isaac.

— Eu vejo-me igual a toda a gente, mas sei que os outros não nos veem iguais a eles e não sei porquê. Não percebo porque há rapazes que não querem brincar connosco, nem porque não vamos com frequência à cidade, e quando o fazemos tu e a mãe parecem ter medo. Caminhamos com a cabeça baixa, como se assim não nos vissem ou incomodássemos menos. É por isso que acho que somos diferentes; temos alguma coisa de que os outros não gostam, mas não sei o que é, por isso é que te pergunto.

— Não somos diferentes, Samuel, são os outros que tentam ver-nos de forma diferente.

— Mas julgam que ser judeu é algo mau... — atreveu-se a dizer Samuel —, dizem que matámos o profeta Jesus.

— Jesus era judeu.

— E porque é que o matámos?

— Não o matámos, e não te preocupes, ser judeu não é mau, tal como não é mau ser cristão ou muçulmano. Não debes pensar nessas coisas. Quando fores mais velho, vais perceber. Agora dorme, amanhã partimos bem cedo.

— Quando chegamos a Varsóvia?

— Com um pouco de sorte, dentro de cinco ou seis dias. Gostas mais de Varsóvia do que de Paris?

— Só quero saber quanto é que falta para chegar a casa, tenho saudades da mãe.

Quando chegaram a Varsóvia tiveram de ficar em casa de Gabriel, um primo afastado de Isaac. Samuel tossia, tinha febre e convulsões, a que se juntava o esgotamento provocado por uma viagem tão longa.

O meu pai teve de ficar de cama durante vários dias apesar da impaciência do avô Isaac.

— Tem calma, o teu filho não está em condições de viajar. Podes deixá-lo aqui connosco, a minha esposa vai cuidar dele; depois vens buscá-lo quando tiveres a certeza de que a tua família está bem, estás apenas a um dia de viagem — insistiu o seu primo.

Mas o meu avô não queria ouvir falar em deixar o seu filho em Varsóvia, sobretudo estando tão perto da sua própria casa.

Por fim, iniciaram a viagem apesar de Samuel se encontrar muito fraco e de ainda ter tosse.

— Ser judeu deve ser uma coisa muito má — insistiu Samuel lutando contra a febre.

— Não é, meu filho, não é. Deves sentir-te orgulhoso daquilo que és. A maldade não está em nós, mas sim em quem se nega a ver-nos como seres humanos.

O avô Isaac era um homem ilustrado, seguidor das ideias de Moses Mendelssohn, um filósofo alemão que no século anterior tinha iniciado um movimento chamado “Haskalá” (Iluminismo) que propunha que os judeus tornassem sua a cultura europeia. Mendelssohn traduziu a Bíblia para alemão e opôs-se às correntes mais ortodoxas do judaísmo. Defendia que ser judeu não era incompatível com sentir-se alemão, e convidou a sua comunidade a integrar-se plenamente nas sociedades a que pertencessem. Guiado por aquelas ideias, o meu avô tentava convencer a sua comunidade de que ser judeu não era incompatível com sentir-se profundamente russo. Embora existissem sectores ortodoxos que rejeitavam essa assimilação, não deixavam de se sentir russos e não concebiam viver em nenhum